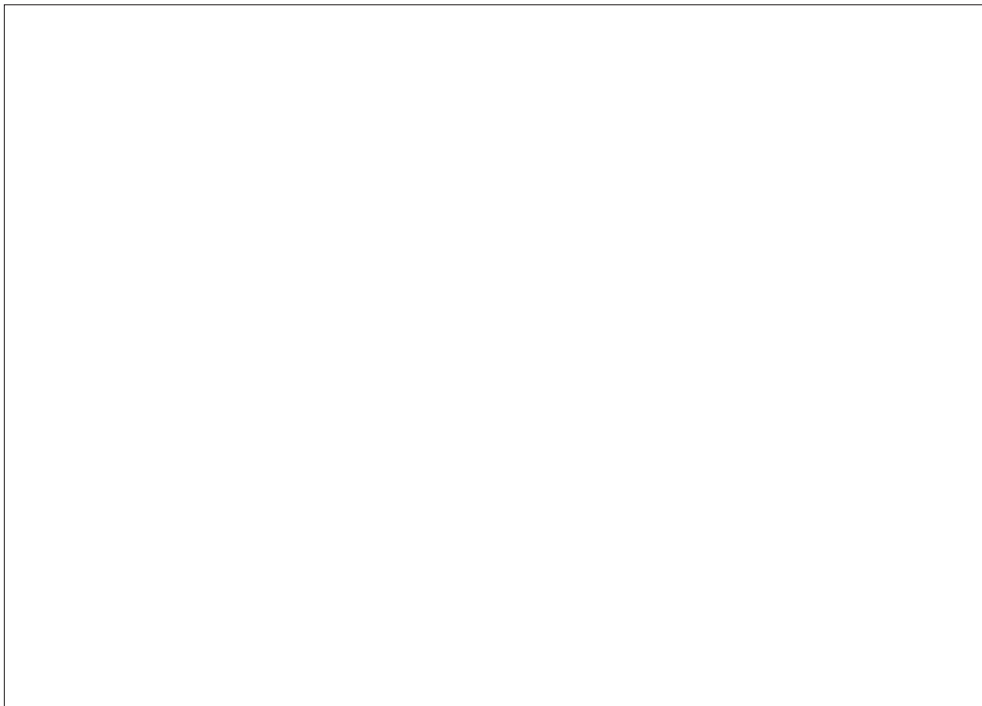
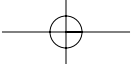


## O MOÇO MENINO

---

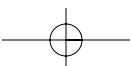
la o cavaleiro  
mais a montaria  
pelo nevoeiro  
dessa serra  
veio ter com ele  
uma sombra clara  
sobre a penedia  
a luz cintilante  
quase parecia  
o sol ao poente  
e era meio-dia.  
la o cavaleiro  
e viu-se perdido  
no Pico d'El-Rei

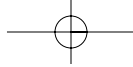


soltou um gemido.

Falou-lhe da sombra  
com luz que tremia  
uma voz menina  
que reconhecia.

- «Foi há tantos anos  
foi na outra terra  
só, em desenganos  
esta minha alma  
por ti à espera.  
Como, cavaleiro,  
chegastes aqui?  
Foi há tantos anos

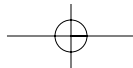
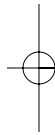
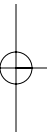
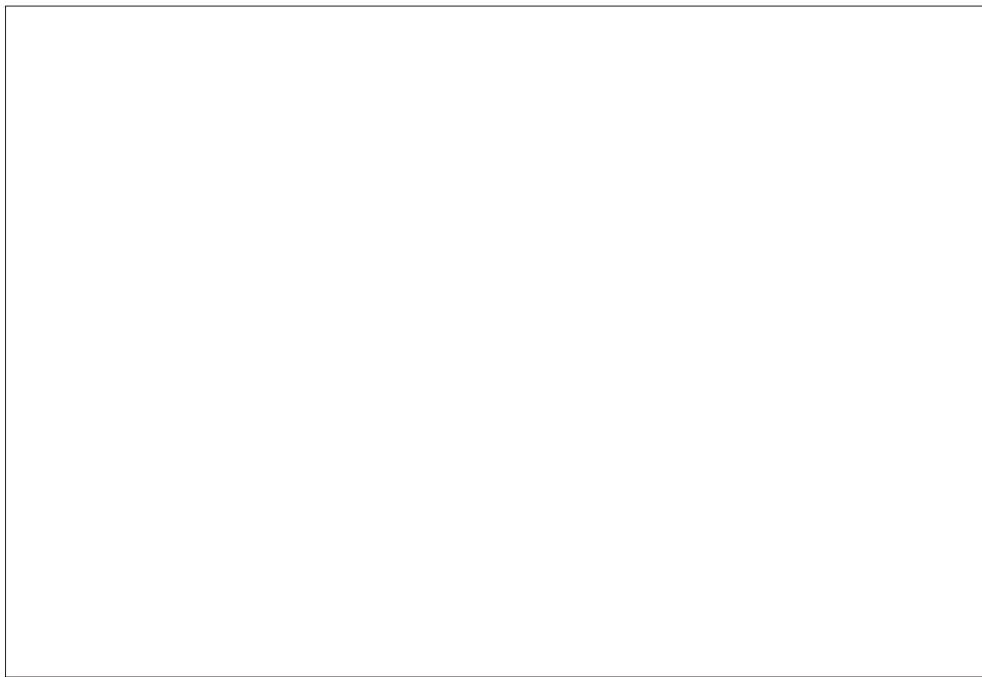




nunca mais te vi.

Fiquei no enleio  
do luar que vês  
com o dia a meio  
o corpo montês  
sou dum outro mundo  
preso só a ti  
fechado no fundo  
desta gruta aqui.»

Entrámos na cova  
dessa terra verde  
um fio de corpo  
para tentear



pois a sombra clara  
deixou de brilhar:

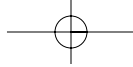
Ouvia uma voz  
vinha duma fenda  
e o som da água  
aos poucos desvenda  
um poço distante  
com luz amarela  
vai a cavalgar  
bem firme na sela  
pobre cavalinho,  
tu sabes nadar?  
Logo o cavalinho  
o leva ao escuro  
que lhe vai falar:

- «Tenho medo, dá-me  
tuas mãos antigas.»

- «Agora te lembras?

Olha, cavaleiro,  
quero que me digas  
depressa primeiro  
se sabes ainda  
aquelas cantigas  
que dançámos ambos  
na pedra da eira  
no farol à beira  
do fogo de julho.»

- «Cala-te, fantasma,



não faças barulho.»

Abriu-se de luz  
e era uma porta  
que pronta lhe dava  
sua vida morta.  
Brilhava a lagoa  
na febril cratera  
olhava o menino  
via bem quem era.

- «O que faço aqui  
nesta alta serra  
é porque perdi  
lá na outra terra

